

## A História Naval nos programas de pós-graduação no Brasil (2016 - 2018)

The Naval History in the post-graduate programs in Brazil (2016-2018)

Francisco Eduardo Alves de Almeida<sup>1</sup>



**Resumo:** A História Naval tem sido um subdomínio das Histórias Marítima e Militar. Ela pode ser subdividida em História Naval Central, quando se refere à História Militar clássica, englobando a investigação no campo militar e operacional, Auxiliar quando referida à Ciência, Tecnologia e biografias e Cognata quando relacionada a outros domínios da História tendo o mar como fulcro, inclusive utilizando ferramentas teóricas de outros campos da História. No Brasil existem poucas teses e dissertações de História Naval no meio universitário. Tomando como referência o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES entre os anos de 2016 e 2018 foi conduzido um levantamento do percentual de trabalhos acadêmicos correlacionados à História Naval no período considerado. Verificou-se a relação entre o total de defesas no período com o número de trabalhos de História Naval, assim como o quantitativo de investigações nos três subcampos da História Naval, o Central, o Auxiliar e o Cognata concluindo-se pela insuficiência de pesquisas nessa área no Brasil e as razões para essa situação.

**Palavras-chave:** História naval; Mares; Oceanos; Pós-Graduação; História marítima.

**Abstract:** Naval History has been a subdomain of Maritime and Military Histories. It can be subdivided into Central Naval History when it refers to classical Military History, encompassing research in the military and operational fields, Auxiliary when referring to Science, Technology and biographies and Cognate when it relates to other domains of history, having the sea as fulcrum, including using theoretical tools from other fields of History. In Brazil there are few theses and dissertations of Naval History in the university environment. Taking into account CAPES Thesis and Dissertations Catalogue between 2016 and 2018, a survey of the percentage of academic papers correlated to Naval History was conducted in the considered period. The relationship between the total number of defenses in the period with the number of Naval History works was verified, as well as the number of



investigations in the three subfields of Naval History, the Central, the Auxiliary and Cognate concluding by the insufficiency of research in this area in Brazil and the reasons for this situation. **Keywords:** Naval history; Seas; Oceans; Pos-Graduate; Maritime history.

Francisco Eduardo Alves de Almeida  
A História Naval nos programas de  
pós-graduação no Brasil (2016 – 2018)



## Introdução

Os estudos de História Naval parecem residir em um limbo teórico e prático, relegados às Escolas de formação e aperfeiçoamento da Marinha, como a aplicação de ensinamentos profissionais históricos obtidos em observação empírica, sem nenhuma correlação com os estudos universitários de História atualmente desenvolvidos no Brasil.

O clássico *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia* organizado por Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas de 1997, obra coletiva voltada para o público de professores e alunos de graduação e pós-graduação em História, teve como objetivo essencial traçar “um panorama geral e atualizado dos vários campos de investigação na área de História, dando conta dos percursos historiográficos, dos principais conceitos e dos debates e polêmicas que se fizeram presentes na história da disciplina e pesquisa” (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 1) conforme apontado pelos organizadores. Nos seus dezenove capítulos e mais de quatrocentas páginas nenhuma linha foi dedicada à História Naval.

Muitas vezes correlacionada com a História Militar, mesmo nesse campo de estudos, ela não é mencionada em nenhuma obra substancial de teoria e metodologia de História no Brasil. No *Novos Domínios da História* de 2012, dos mesmos organizadores da obra precedente, como uma sua complementação, teve como propósito “explorar territórios não penetrados ou pouco frequentados, naquela ocasião, seja por que estavam em estágio inicial enquanto áreas de pesquisa, seja por que ainda não encontravam receptividade nos projetos de historiadores brasileiros” (CARDOSO; VAINFAS, 2012, p. 9). Dos seus dezesseis capítulos abordando campos, domínios e territórios, com mais de trezentas páginas, apenas um capítulo refere-se à chamada “Nova História Militar” e mesmo assim, nenhuma palavra dos autores menciona a História Naval. Ela se insere em um não campo no Brasil.

Nem mesmo nas livrarias nacionais que disponibilizam títulos em História Militar, muitas vezes com baias específicas para esse fim, poucos são os livros relativos à História Naval. Seria isso desinteresse das editoras? Ou haveria poucos pesquisadores no Brasil nesse campo de conhecimento? Ao contrário de países mais desenvolvidos como o Reino Unido, Estados Unidos da América (EUA) e França que reconhecem a importância dos mares e oceanos para o comércio e para o progresso humano ao valorizarem a História Marítima e Naval, no Brasil, a situação parece caminhar para uma floresta impenetrável.

Apesar de títulos de assuntos militares serem lançados no mercado editorial



com , alguma frequência e programas televisivos voltados para assuntos de guerra serem apreciados por uma audiência ávida por esse tipo de assunto, verifica-se um percentual baixo de livros e programas específicos sobre História Naval. No Brasil sabe-se que Getúlio Vargas enviou uma divisão de infantaria que se agregou ao Quinto Exército dos EUA na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Muitos leitores curiosos chegam a citar o número de mortos dessa divisão na campanha italiana, como sendo 457 (MORAES, 1960, p. 338). Poucos, no entanto, sabem que a força naval brasileira atuou durante a Segunda Guerra Mundial nas costas nacionais por muito mais tempo e sofreu um maior número de mortos, 492 (GAMA, 1982, p. 197). Seria esse desconhecimento motivado pelo desinteresse da academia com esse tipo de História resultando em poucos trabalhos ligados a esse campo?

O que se pretende neste artigo é desvelar uma radiografia do campo de estudos da História Naval na área acadêmica no Brasil, indicando as monografias desse campo nos anos de 2016, 2017 e 2018, a partir do Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, tomando como referência os programas de pós-graduação em História, apontando que temas são mais investigados, que programas de pós-graduação possuem trabalhos nesse campo e o percentual de monografias de História Naval em relação ao total de trabalhos por ano. Antes de se apresentar tal estudo, releva discutir o que se entende e quais os parâmetros teóricos da História Naval e suas linhas investigativas, de modo a se compreender a que objetos esse tipo de história se relaciona. A partir desse diagnóstico, pretende-se verificar como se encontra esse subdomínio de História na área da pós-graduação brasileira e as razões para essa situação.

### **O campo da História Naval**

O mar e os oceanos tiveram e têm um aspecto atrativo para o homem. Um caminho para a troca de bens, um percurso para a invasão de outras paragens, assim como o local aonde o homem retirava o alimento necessário para a sua sobrevivência. O mar atraía e provocava sensações distintas, até mesmo medo em razão de seu desconhecimento. Monstros imaginários marinhos em tempos pretéritos provocavam temor no homem. Essa relação, muitas vezes conflituosa entre o homem e o mar, precisava ser contada para a posteridade. Nos textos homéricos o mar já era fundamental. Agamenon precisou apaziguar os deuses oferecendo sua filha Efigênia em sacrifício para permitir uma travessia com



mares tranquilos para invadir Ilyum. O regresso de Odisseu a Itaca, após o término da guerra de Tróia, foi determinado pelas condições do mar e o humor dos deuses. Ali já se percebia os primórdios da História Naval. Mesmo Heródoto em sua *História* descreveu detalhadamente no Livro VIII as batalhas navais que culminaram com a derrota de Xerxes, descrevendo ao final do combate a situação das naus persas derrotadas em Salamina (HERÓDOTOS, 1985, p. 96). Trata-se de uma das primeiras descrições registradas de História Naval no enaltecimento do poder naval ateniense em um confronto decisivo no mar.

O percurso da História Naval na Antiguidade, na Idade Média e no período Moderno seguiu a trajetória da própria História Militar, pois a ela ficou atrelada, tornando-se uma subárea a ela associada. A História Militar, enaltecida em determinados períodos históricos, em outros encontrou verdadeira aversão, principalmente no século XX, a partir do surgimento da Escola dos Annales, crítica contundente da chamada história-batalha, enaltecida de heróis, sem grandes problematizações e excessivamente descritiva. Por ser considerada parte integrante desse tipo de história, a História Naval sofreu as mesmas consequências. Esquecimento, aversão e até repulsa.

Ao final do século XX, no entanto, ocorreram mudanças que modernizaram a própria percepção de como abordar a História Naval como uma sub-área da História Militar, mas com características próprias. Relewa notar, também, que no século XX outra área correlacionada ao mar despontou, não necessariamente ligada aos conflitos, mas conectada aos mares e oceanos, a História Marítima. Dessa maneira a História Naval permaneceu ligada como uma subárea da História Militar quando se debateu os aspectos militares dos oceanos ou de sua preparação para a guerra no mar e como uma subárea da História Marítima por estar conectada aos mares e oceanos. Assim, como definir teoricamente na atualidade a História Naval?

Inicialmente, como apontado, a História Naval se inseriu a partir da segunda metade do século XX, na chamada História Marítima que engloba os assuntos referentes à relação do homem com o mar. Pode-se considerar a História Marítima como um domínio, correspondente a uma escolha específica orientada em relação a determinados objetos ou sujeitos para os quais é dirigida a atenção do historiador, no caso os oceanos, mares, baías, litorais e rios, no mesmo patamar que a História das Mulheres ou a História da Vida Privada (BARROS, 2004, p.19). Poder-se-ia definir a História Marítima como o campo de estudos históricos que conecta os diversos outros campos com o foco voltado para os oceanos, mares e afins. Abarca as Histórias da Ciência, da



Tecnologia, da Cartografia Náutica, da Indústria, da Economia, do Comércio, Política, das Relações Internacionais, Militar, Institucional, das Comunicações, da Migração, do Direito, Social, da Liderança, Ética e Literária, segundo John Hattendorf<sup>2</sup> (HATTENDORF, 2003, p. 19). Assim a História Marítima inclui aspectos civis e militares, relacionados com a habilidade de se utilizar o mar em um amplo aspecto.

Por sua vez, a História Naval é um subdomínio da História Marítima voltado para a guerra no mar, isto é aos aspectos militares envolvendo o uso do mar, daí a sua conexão mais direta com a História Militar. As suas interações com os estudos militares, estudos estratégicos, relações internacionais, a política e as tecnologias militares são mais que evidentes. Dessa maneira pode-se definir História Naval como o subdomínio que envolve o estudo e a análise das formas com que os estados têm organizado e empregado a força no mar para atingir os seus objetivos nacionais. Ela engloba todos os períodos históricos da chamada História Mundial e envolve uma grande gama de histórias nacionais e fontes diversas. O estudo da História Naval aborda aspectos de como as decisões são alcançadas e cumpridas para se atingir os propósitos estabelecidos pelo decisor, seja ele um chefe militar ou político (HATTENDORF, 2003, p. 20). Sua relação com os Estudos Estratégicos, um campo moderno da Ciência Política, é bem evidenciada. O historiador britânico Sir Herbert Richmond, professor de História Imperial da Universidade de Cambridge nos anos 30 e 40 do século XX e um dos mais destacados historiadores navais do Reino Unido, assim definiu História Naval:

História naval inclui os “por quês” da estratégia em todas as suas fases, da esfera política à pequena estratégia e tática das esquadras e esquadões: inclui os “como” de desempenho e o não menos importante “por quês” dos sucessos e erros. Ela abraça todos os elementos das relações diplomáticas, da economia e comércio, do direito internacional e estudos da neutralidade, de posições, de princípios de guerra, da administração, da natureza das armas e de personalidades (RICHMOND, 1939, p. 201).

Sua correlação com o campo da História Política também é bastante relevante, na medida em que procura investigar as razões pelas quais líderes políticos procuraram utilizar o poder naval nacional na busca pela concretização de seus objetivos políticos. Não se deve, assim, considerar que a História Naval



abranja somente a guerra no mar, mas também suas conexões com aspectos não necessariamente militares na busca dos objetivos estabelecidos pelo mais alto escalão político nacional, quando se relaciona ao controle do mar. Ela comporta também biografias de chefes navais e líderes políticos envolvidos com os oceanos e estudos comparativos com outros poderes navais. Andrew Lambert, atual titular da cadeira “John Knox Laughton” do King’s College de Londres considera, por sua vez, que a História Naval é o reservatório central de evidências e análise para o desenvolvimento de estratégia e doutrina, liderança e tática, no entanto dependente dos métodos da historiografia acadêmica e de historiadores oriundos das universidades (LAMBERT, 2010, p.10).

Sir John Knox Laughton, professor emérito do King’s College de Londres e um dos fundadores da moderna historiografia naval britânica, responsável pela criação do Navy Records Society do Reino Unido<sup>5</sup>, apontou, no final do século XIX, que aonde não existem batalhas não existe História Naval. Disse ele que os historiadores do século XIX consideravam a História Naval como um campo fora de seu objeto de pesquisa, separada das Histórias Política, Eclesiástica, Social, Industrial, Comercial e da própria História Militar, como se fosse um campo totalmente estanque. Eles deixavam os assuntos relativos ao mar a uma classe de escritores que eram por eles chamados de ‘historiadores navais’, quase uma analogia com o animal chamado de porquinho da índia que não era porco nem tampouco da Índia (CORBETT; EDWARDS, 1914, p. 8). Eles eram raros e incompreendidos. Para Laughton, o escriturar uma boa História Naval era como uma refeição saborosa, a mistura da natureza com a arte. A natureza composta de carnes, vegetais e ingredientes diversos e a arte adquirida no tempo por um bom chefe ou cozinheiro. A natureza se valia das fontes diversas e vestígios do passado enquanto a arte era o produto de estudo, prática, capacidade literária e conhecimento. Quanto a natureza e a arte se uniam no historiador ter-se-ia uma boa História Naval exatamente como uma deliciosa refeição (CORBETT; EDWARDS, 1914, p. 22). Laughton enfatizava o uso intensivo de fontes primárias diversas pelos historiadores, tais como memorandos navais, ofícios, livros de quarto de navios, memórias de marinheiros e documentos navais notariais como uma forma de se fazer uma boa História Naval. Para ele a universidade deveria treinar historiadores para “educar” a Marinha Real (LAMBERT, 2010, p. 9).

John Hattendorf apontou que os segmentos interessados na História Marítima e no seu subdomínio, a História Naval, são amplos e diversificados, incluindo tomadores de decisão política nos diferentes escalões governamentais, de



militares das forças armadas, do público em geral com interesse nos assuntos navais e por fim na área acadêmica (HATTENDORF, 2003, p.22). Embora ainda limitada, a área acadêmica é de fundamental importância para o estudo e desenvolvimento da História Naval, pois a independência de pensamento e espírito crítico do meio universitário permite ampliar o conhecimento nesse campo e proporcionar novas interpretações dos eventos sem o constrangimento das histórias institucionais, ávidas por enaltecer personagens e minimizar fatos que possam atingir de alguma forma a sua reputação histórica. Adicionalmente, esse público acadêmico, recebe durante os anos na universidade, instrumentos teóricos e metodológicos que permitem a escrituração de trabalhos com grande qualidade interpretativa que servirão de base para os livros a serem lidos pelo público em geral. Hattendorf concordou com a visão de Andrew Lambert de que o estudo da moderna História Naval se iniciou ao final do século XIX no Reino Unido e nos EUA com escritos de oficiais de marinha desses países que abordavam temas de suas próprias profissões, no entanto reconheceu que a História Naval britânica é muito mais vibrante e desenvolvida que no seu país os EUA em razão da própria tradição e percurso histórico do Reino Unido e sua dependência do mar. Reconheceu, também, que Lambert tem razão ao dizer que em verdade o campo da História Naval britânica teve uma maior projeção acadêmica no Reino Unido nos últimos vinte anos, com a abertura de cadeiras específicas de História Naval no King's College de Londres, nas Universidades de Exeter, Greenwich e Oxford (HATTENDORF, 2010, p. 16). Muitos historiadores norte-americanos, inclusive, foram aperfeiçoar seus estudos no Reino Unido por existirem poucos programas de pós-graduação em seu país natal. No entanto, considera que estão ocorrendo avanços no campo da História Naval nos EUA com o reconhecimento oficial da Associação Norte-Americana de História<sup>4</sup> em 2008 de que existe uma categoria profissional de historiadores navais nominados como tal. Até aquela data, a História Naval não era considerada um campo de pesquisa histórica naquele país. Acrescente-se a isso a criação de uma cadeira específica de História Naval na Academia Naval de Annapolis e outra na Escola de Guerra Naval em Newport (cadeira de História Marítima *Ernest J. King*) agregada ao Departamento de História Marítima dessa unidade de ensino da Marinha Norte-Americana (HATTENDORF, 2010, p.17).

Jon Sumida<sup>5</sup> propôs em 1995 uma divisão no subcampo da História Naval que bem enquadra esse subdomínio nos estudos históricos contemporâneos. Disse ele o seguinte:



Essas grandes deficiências no conhecimento sobre questões básicas [de História Naval], entretanto tem até recentemente causado dificuldades para a maioria dos historiadores de assuntos navais do século XX. De modo a entender essa situação é primeiro necessário descrever a natureza das diversas formas de História Naval como elas são geralmente praticadas e de suas relações de uma com a outra. A História Naval séria que para os padrões atuais inclui trabalhos oficiais e por falta de melhor categorização trabalhos quasi-acadêmicos e acadêmicos, podem ser divididos em três grupos, a História Naval Central, a História Naval Auxiliar e a História Naval Cognata (SUMIDA; ROSENBERG, 1995, p. 26).

### **História Naval Central**

Subcampo da História Naval aborda questões relativas às políticas navais e operações, podendo ser observadas sob o ponto de vista nacional, internacional ou comparativo. O tema principal atende às questões da História Política tradicional ou da chamada Nova História Política, como apontado por René Remond<sup>6</sup>. Os autores que se dedicam a esse subcampo algumas vezes utilizam conceitos e informações derivados dos aspectos técnicos, econômicos, administrativos e financeiros, no entanto esses assuntos complementam o texto principal como suporte à abordagem política (SUMIDA; ROSENBERG, 1995, p. 26). O foco principal desse subcampo é a questão política, militar e operacional e exclui a chamada História Institucional, se adequando ao domínio da História Militar como um subdomínio. Um exemplo típico desse subcampo é o conjunto de cinco volumes sobre a História Naval do Reino Unido entre 1880 e 1919, produzido por Arthur Marder<sup>7</sup> entre 1961 e 1970 pela Oxford University Press. Texto de grande profundidade temática, esse conjunto tornou-se um paradigma para os historiadores que desejam se aprofundar na área marítima ao final do século XIX e início XX que culminou na Grande Guerra.

Outra obra característica desse tipo de subcampo é o *Naval Policy between the Wars* em dois volumes escritos por Stephen Roskill<sup>8</sup> entre 1968 e 1976. Embora fossem antagonistas nas diferentes interpretações sobre os poderes navais preponderantes no período, tanto Roskill como Marder trouxeram para o campo da História Naval novas percepções e uma complementaridade de temas abarcando o período de 1880 e 1939.

Na atualidade o livro de Jeremy Black<sup>9</sup> *Naval Power. A History of Warfare and*



*the sea from 1500* de 2009 pela Editora Palgrave MacMillan do Reino Unido, tem se tornado uma referência para historiadores navais, confirmando a excelência de produção de historiadores britânicos. Black indicou, com essa sua obra, conformar-se à História Naval Central, quando no Prefácio dissertou sobre o livro dizendo que:

Este livro tem como propósito apresentar um breve e acessível relato sobre o poder naval e sua ligação com as Relações Internacionais, não menos como uma forma de projeção de poder. A ênfase não é sobre aspectos técnicos de construção naval nem na história social do poder naval, que sabemos importante, mas sobre as marinhas como instrumento de poder e como elas se desempenham no sistema de Estados.,culturas estratégicas e nos necessários contextos de tais poderes (BLACK, 2009, p. 1).

Outro historiador naval britânico que se debruçou nesse tipo de história foi Peter Padfield<sup>10</sup> que sua trilogia *Maritime Power and Maritime Supremacy* na qual analisou pormenorizadamente o poder naval de 1588 até 2001. Nesses livros, Padfield procurou demonstrar como o poder naval nesse período tornou-se importante e auxiliou a segurança e estabilidade do mundo ocidental. Há igualmente uma descrição sucinta, mas relevante dos conflitos que moldaram o mundo e fizeram nascer e desaparecer poderes navais até então destacados.

Um último trabalho de historiador inglês que chamou a atenção de especialistas nesse campo foi o *Seapower States. Maritime Culture, Continental Empires and the Conflict that made the Modern World* de Andrew Lambert lançado em 2018. Nele Lambert volta sua atenção para a formação e desenvolvimento dos poderes navais de Atenas, Cartago, Veneza, Holanda e por fim da Grã-Bretanha, que ele considera o último poder naval, em contraposição a muitos historiadores, principalmente norte-americanos que consideram os EUA como o atual poder naval prevalente. Para Lambert os EUA possuem “uma vasta marinha militar, no entanto pensa e age como um poder terrestre” (LAMBERT, 2018, p. 309), uma crítica severa à condução da política externa norte-americana, tornando-a afastada do mar e dessa maneira não podendo ser categorizada como um poder naval.

Nos EUA trabalhos importantes foram escritos, destacando-se a série *History of the United States Operations in World War II* de Samuel Eliot Morison<sup>11</sup> em 15 volumes, um relato pormenorizado das operações navais da Marinha norte-



americana durante a guerra de 1941 a 1945. Baseado em farta documentação primária, esses volumes compõem um clássico sobre a História Naval Central dos EUA na Segunda Guerra Mundial. Outro trabalho também interessante e muito utilizado por historiadores navais e militares desse país, que desejam estudar os aspectos estratégicos e táticos na guerra naval entre 1530 e 1930 é o *A History of Naval Tactics from 1530 to 1930. The Evolution of Tactical Maxims* escrito por Samuel Robinson<sup>12</sup> em 1942. Trata-se de um livro básico de História, ainda atual, com um enfoque essencialmente militar, mas com discussões que podem interessar ao público especializado civil e leigo.

No Brasil existem poucos trabalhos nesse subcampo da História Naval Central. O clássico *História Naval Brasileira* de Theotônio Meirelles da Silva de 1884 tornou-se a obra fundadora da História Naval brasileira. Abarcando um período que vai de 1822 até o fim da Guerra do Paraguai em 1870, esse trabalho compõe um volume com mais de 350 páginas. O parecer do Conselheiro Olegário Herculano de Aquino e Castro Vice-Presidente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro em 1884 à obra de Theotônio apontou que a história da Marinha aborda “vasto campo de investigação e de estudo, em que a crítica judiciosa na apreciação imparcial do historiador se tem de manifestar, não só narrando com escrupulosa fidelidade os factos ocorridos, o tempo em que se deram e os nomes das pessoas que nelles tomaram parte”. Terminou o texto afirmando que “como ainda explicando as causas e os efeitos dos successos relatados, ou a influência que exerceram sobre todas as relações da nossa vida social” (SILVA, 1884, p. xv).

### **História Naval Auxiliar**

Esse tipo de História Naval consiste de estudos e pesquisas que dizem respeito basicamente à tecnologia naval, tanto de construção como de arquitetura, biografias, e administração naval. Enquanto o foco principal da História Naval Geral centra-se nas questões relativas ao mar e às operações de combate, esse tipo aborda questões relacionadas a biografias, tecnologia, economia, logística e administração, como um subcampo hiperespecializado. É comum a escrituração de temas sobre tecnologia naval voltados para o debate de políticas públicas de defesa naval por não-historiadores, como administradores e engenheiros. Jon Sumida apontou que os historiadores que trabalham com esses temas, ou aceitam a História Naval Central como ponto a ser conhecido por todos os leitores ou ignoram-na por completo, evitando abordar questões



mais gerais de política e aspectos operacionais considerados como ponto de amplo conhecimento comum (SUMIDA; ROSENBERG, 1995, p. 26).

No Reino Unido destacam-se trabalhos como *Elizabethan Naval Administration* editado por C.S Knighton<sup>13</sup> e David Loades<sup>14</sup> de 2013 publicado pela Ashgate para o Navy Records Society. Esta exaustiva e completa pesquisa aborda as questões fiscais, administrativas e logísticas do reinado de Elizabeth I iniciando em 1558 e terminando em 1603. Outro trabalho relevante foi o *The Anatomy of Nelson's Ships* escrito por C. Nepean Longridge<sup>15</sup> de 1977. Trata-se de um estudo profundo sobre o estado da arte de arquitetura naval dos séculos XVIII e XIX no tempo da Marinha à vela. A descrição pormenorizada da construção de navios de linha, fragatas, brigues e escunas do tempo de Horatio Nelson transformou esse texto em uma referência neste tipo de História Naval com grande aporte de marinharia e arquitetura naval do período.

No que se refere às biografias de personagens navais, pode-se citar duas que são modelos de pesquisa acadêmica, a primeira a de Andrew Lambert de 2004 sobre Nelson, o almirante mais destacado da Marinha Real cujo título é *Nelson. Britannia's God of War* (LAMBERT, 2004). A segunda biografia também relevante é a do almirante Sir John Byng, *Admiral Byng. His rise and execution* escrita por Chris Ware (2009)<sup>16</sup>, tragicamente executado no convés de seu navio HMS *Monarch* por ordem do Almirantado por ter sido considerado culpado pela perda de Minorca durante a Guerra dos Sete Anos em 1756.

Nos EUA relevam os trabalhos do historiador Norman Friedman<sup>17</sup> com cerca de vinte livros publicados sobre temas distintos de História Naval. Dentre esses quase a metade se refere a trabalhos sobre História Naval Auxiliar, destacando-se *U.S Naval Weapons, Naval Radar, U.S Aircraft Carriers: na Illustrated Design and History e por fim Naval Weapons of World War One*. Dentre as biografias distinguem-se as de personagens navais do século XX tais como a de William Halsey, Arleigh Burke, Chester Nimitz, Ernest King e Raymond Spruance, todos considerados heróis da Segunda Guerra Mundial, escritas as três primeiras por E. B. Potter, ex-professor de História da Academia Naval de Annapolis e as duas últimas por Thomas Buell<sup>18</sup>. Distingue-se nessa produção intelectual o U.S Naval Institute, fundado em 1873, também em Annapolis, responsável pela produção dos *Classics of Naval Literature* editado por Jack Sweetman com mais de quarenta títulos. Talvez por ser o poder naval preponderante a partir da Segunda Guerra Mundial essa série de livros contemple temas a partir de 1945, no entanto trata-se de um instituto responsável pela disseminação da História Naval contando atualmente com mais de 100.000 membros em todo o mundo



(BUELL, 1980, p. 617).

No Brasil existem poucos trabalhos relativos a questão administrativa e logística da Marinha, sendo o único trabalho relevante sobre esses temas a coleção *História Naval Brasileira* coordenada por Max Justo Guedes e Hélio Leôncio Martins contendo 10 volumes editado pelo Serviço de Documentação da Marinha. Mesmo os trabalhos biográficos de personagens navais, poucos são dignos de nota, excetuando as duas biografias de Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré, patrono da Marinha, escritas por Dídio Costa em 1942 e José Francisco de Lima em 1983. Pequenos trabalhos biográficos escritos por Hélio Leôncio Martins, Henrique Boiteux, Dídio Costa e João do Prado Maia foram publicados nos periódicos *Revista Marítima Brasileira e Navigator*, este último o único periódico voltado para a História Naval no Brasil editado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.

### **História Naval Cognata**

Trata-se de uma abordagem distinta dos dois subcampos anteriores. São trabalhos que estão relacionados com as marinhas no passado, mas escritas principalmente do ponto de vista distinto da própria História Naval Central com ênfase nos campos das Histórias Política, Diplomática, Econômica, Social, Cultural, Intelectual, Técnica, Marítima e Global e mesmo apoiadas por diferentes disciplinas, tais como a Ciência Política, a Sociologia, Estudos Estratégicos e Segurança Internacional (SUMIDA; ROSENBERG, 1995, p. 27). O foco principal não é a questão naval por si só, mas as ações exercidas pelas marinhas e seus membros em políticas nacionais e internacionais, o papel social exercido pelos marinheiros e a atuação do poder naval nos campos econômico, político, social, cultural, técnico e estratégico. Embora reconhecendo a dependência do tema principal que é derivado da História Naval Geral, esse subcampo difere dos demais por utilizar instrumentos teóricos e metodológicos de outros campos históricos. Estuda-se o poder naval, mas com instrumentos que não são necessariamente os relativos à História Militar clássica e sim de outros campos históricos. Um exemplo típico desse campo é o *A Social History of the Navy 1793-1815* de Michael Lewis<sup>19</sup>. Segundo este autor:

O resultado é em efeito, um detalhamento razoável da História Social da Marinha entre os anos de 1793 e 1815: uma História Social além disso, do que realmente foi a vida dos contemporâneos britânicos.



Aquela Marinha embora um corpo compacto era composta de todas os segmentos da sociedade britânica e de todas as partes das ilhas da Grã-Bretanha. A História Social trata principalmente de pessoas em vez de “coisas”: assim é este livro. Parecia-me imperativo então tratar meus assuntos biograficamente e quando possível, como seres humanos individuais, pois assim poderiam ser reveladas suas humanidades. Contudo isso fez minha tarefa mais difícil...eu escolhi, quando possível, tais características de cada grupo [social] como parecia comum à maioria dos seus membros. Então tentei estabelecer os casos extremos de cada grupo e delineei-os (LEWIS, 1960, p. 19)

Outro exemplo clássico deste tipo de História Naval foi o livro de Donald Schurman<sup>20</sup>, *The Education of a Navy: The Development of British Naval Strategic Thought 1867-1914* no qual são utilizados instrumentos teóricos da História das Idéias e da Educação. Por fim outro exemplo típico da História Naval Cognata foi a obra referencial de George Modelski e William Thompson<sup>21</sup>, *Seapower in Global Politics 1494-1993*. Nesse trabalho de fôlego de Modelski e Thompson foram apresentados os ciclos longos do poder naval desde 1494 utilizando-se instrumentos estatísticos e de História Quantitativa, explicando-se a predominância de determinados poderes navais em períodos distintos da História Moderna e Contemporânea (MODELSKI; THOMPSON, 1988). Nesses tipos de trabalhos a ênfase não é no combate naval ou no conflito como na História Naval Central, mas sim nos diferentes aspectos relacionados ao poder naval que contribuem para o panorama geral de determinado período histórico, no qual o mar tem primazia.

No Brasil este sub-campo tem um número maior de trabalhos e de pesquisadores. Historiadores como José Miguel Arias Neto e Álvaro Pereira do Nascimento pontuam com textos relevantes sobre a *Revista Marítima Brasileira*, o primeiro, dentro da História Social das Idéias e o segundo abordando questões dos marinheiros da Marinha do Brasil envolvidos na Revolta dos Marinheiros de 1910, trafegando com instrumentos da História Social e Cultural.

Outros autores de destaque são Hélio Leôncio Martins com a ênfase na História Social e Política da Marinha no Império e na República, João do Prado Maia, Dídio Costa e Henrique Boiteux, com trabalhos de História Institucional, de Armando Vidigal com sua intercessão com instrumentos dos Estudos Estratégicos e de Max Justo Guedes com a simbiose entre as Histórias das Navegações e Política na Colônia.



De posse desse instrumental teórico, como se encontra na atualidade o subcampo da História Naval no meio acadêmico no Brasil ? Seria esse campo atrativo para os alunos de pós-graduação de História nas universidades brasileiras ?

### **A História Naval no universo acadêmico universitário brasileiro**

Segundo o Relatório de Avaliação Quadrienal 2017 da Área de História da CAPES existiam no Brasil naquele ano 70 programas de pós-graduação (PPG) envolvendo 64 instituições, a maior parte delas públicas. A maior concentração de PPG ocorreu na região Sudeste com 28, seguido do Nordeste com 17, Sul com 16, Centro-Oeste com sete e Norte com apenas dois. Desses programas, 62 eram acadêmicos e oito profissionais (CAPES, 2017b, p. 22). Desses PPG indicados, apenas dois foram avaliados com nota máxima sete (UFF e UFMG) e três com nota expressiva seis (UFRGS, USP História Social e UNICAMP). Os outros programas obtiveram notas entre cinco e três.

Percebe-se que não existe no Brasil nenhum PPG voltado para a História Militar nem tampouco para a História Marítima, ao contrário do que existe em países com maior tradição universitária como os EUA e o Reino Unido. No primeiro país por exemplo existem programas voltados exclusivamente para a História Marítima como por exemplo o “Maritime Studies Programm” da East Carolina University em Greenville, North Carolina, com ênfase na Arqueologia Náutica e História Marítima (BEELER, 2010, p. 12). Outra universidade com um programa de História Militar e Naval nos EUA é a da Universidade do Alabama. Por sua vez no Reino Unido destacam-se o King’s College de Londres com um programa específico de “Maritime Studies”, com ênfase nas Histórias Marítima e Naval. Na Universidade de Greenwich também existe um programa voltado para a História Marítima, no nível de mestrado. Nas Universidades de Exeter e Hull existem programas no nível de mestrado e doutorado em Histórias Marítima e Naval nos “Centre for Maritime Historical Studies” e “Maritime Historical Studies Centre”, respectivamente. Entende-se os motivos que levaram tanto os norte-americanos como britânicos a enfatizarem os estudos acadêmicos universitários nessas áreas de pesquisa, em razão da própria evolução desses países na qual o mar teve e tem extrema relevância. Eles foram e continuam sendo poderes navais de relevância no ambiente internacional e daí o subdomínio das Histórias Marítima e Naval terem relevância para os estudantes de língua inglesa.



Considerando a produção total de teses e dissertações nos anos referenciados na amostra, 2016, 2017 e 2018, ocorreram defesas de 1448 monografias no ano de 2016, sendo que 1017 foram para o mestrado e 431 para doutorado. No ano seguinte, 2017, percebeu-se um pequeno decréscimo no número de defesas para 1321, sendo 943 para o mestrado e 378 para o doutorado. Por fim no ano de 2018 constatou-se um aumento de defesas para 1408 sendo 944 dissertações de mestrado e 464 teses de doutorado (CAPES, 2017a). A metodologia empregada no Catálogo de Teses e Dissertações para os anos de 2016 a 2018, seguiu a seguinte sistemática: inserção da palavra “história” no banco de busca do catálogo, indicação do ano de referência escolhido no ícone “refinar meus resultados”. Em seguida indicação na Grande Área de Conhecimento “ciências humanas” e regresso ao ícone de “refinar meus resultados”. Em seguida a indicação da área de conhecimento e área de avaliação “historia” e volta ao ícone “refinar meus resultados”. O resultado apontado indicou o número de dissertações e teses defendidas.

Percebeu-se que existiam discrepâncias entre o método acima escolhido e o resultado do Relatório de Avaliação Quadrienal de 2017 e assim procedeu-se a uma confrontação entre o total de monografias defendidas pelo processo escolhido e o somatório de monografias apontado no relatório de 2017. Essa confrontação só levou em consideração o ano de 2016 já que os anos de 2017 e 2018 só serão disponibilizados para avaliação quadrienal de 2021, no entanto esse confronto tornou-se necessário em razão da verificação do erro percentual esperado como indicador de precisão do método. No confronto do método e do relatório chegou-se aos números de 1448 e de 1475 do relatório, indicando uma margem de acerto de 98,16%, isto é uma margem de erro mínima de 1,84. Dessa maneira, se mantidas as mesmas proporções, os resultados esperados terão alto índice de correção. Essa diferença de 27 monografias parece indicar trabalhos que não foram inseridos no catálogo por razões operacionais e administrativas da própria CAPES ou das universidades que devem informar e disponibilizar essas monografias. Entretanto o nível de confiabilidade do método indica valores acima de 98%.

### **Metodologia utilizada para a verificação das monografias de História Naval**

Para a verificação do número de monografias em História Naval produzido nos anos de 2016, 2017 e 2018, importa indicar a metodologia empregada



para se alcançar esses números. Da mesma forma como foi estabelecida uma metodologia para se obter o número de trabalhos anuais no campo da História, releva indicar que critérios foram determinados para a obtenção dos números a serem disponibilizados.

Tendo como referência a apresentação teórica do que seja tanto a História Marítima como a Naval, utilizou-se a seguinte metodologia:

Escolha de dez palavras-chave que se relacionam diretamente com o domínio História Marítima e subdomínio História Naval. As palavras-chave foram “marítimo”, “marítima”, “marinha”, “naval”, “marinheiro”, “mar”, “guerras”, “conflitos”, “esquadra” e “batalhas”.

- Escolha de dez palavras-chave que se relacionam diretamente com o domínio História Marítima e subdomínio História Naval. As palavras-chave foram “marítimo”, “marítima”, “marinha”, “naval”, “marinheiro”, “mar”, “guerras”, “conflitos”, “esquadra” e “batalhas”.
- Inserção dessas palavras na busca no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, uma de cada vez.
- Inserção do ano alvo pretendido e refinamento dos resultados.
- Inserção da Grande área de conhecimento “Ciências Humanas” e refinamento dos resultados.
- Inserção da área de conhecimento e área de avaliação de “História” e refinamento dos resultados.
- Verificação do número de dissertações e teses apontadas no ícone “resultados para”. Esse número significará o total de monografias utilizadas com a palavra escolhida.
- Seleção e avaliação por título de quais monografias se inserem nos campos da História Marítima e Naval recorrendo-se aos resumos.
- Comparação do total de monografias de História Marítima e Naval em relação ao total de trabalhos em outros campos da História. Pode-se chegar assim aos números absolutos e aos percentuais anuais de trabalhos nesses dois campos de investigação, em relação ao total de monografias produzidas por ano, assim como que programas apresentaram essas pesquisas no período considerado e quais os temas no campo da História Marítima que foram investigados.



Confecção de uma tabela explicativa com a apresentação das seguintes colunas da esquerda para a direita na seguinte sequência: palavras-chave; total de trabalhos acadêmicos com a palavra-chave referenciada no banco de teses e dissertações; total de trabalhos acadêmicos no domínio História Marítima/ Naval com a palavra-chave referenciada; programas de pós-graduação aonde foram produzidos os trabalhos; região geográfica desses programas; tipos de programas, se doutorado ou mestrado; notas atribuídas pela CAPES a esses programas; total de trabalhos acadêmicos no subdomínio da História Naval; temas desses trabalhos; área desses trabalhos se do Brasil ou Geral e total de trabalhos de História Naval no ano-base apresentado.

### Resultados para o ano base 2016

Foram obtidos os seguintes resultados para as dez buscas por palavras-chave escolhidas no ano de 2016.

**Quadro 1 - Teses e Dissertações Ano Base de 2016**

Palavra Chave	Total palavra Marítimo	Total Hist. Marítima	PPG	Região Geografica	M/D	Nota Área Hist	Total Hist. Naval	Tema Hist. Naval	Hist. Brasil ou Geral	Total Final Brasil
Marítimo	2	1	UFRN	NE	M	4	1	Atlântico Sul Hist. Contemp.	Brasil	1
Marítima	6	2	USP Eco PUC SP	SE SE	M D	3 4	1	Império português Séc. XVII	Geral	-
Marinha	8	5	UFRJ Soc. UNICAMP USP Soc. UFPEL UFRJ Comp.	SE SE SE S SE	M D D M M	5 6 6 4 4	4	1- MB no Império 2- AMRJ Império 3- MNs no RS 4-Estrat. Navais Brasil	Brasil	4
Naval	6	1	UFMG	SE	M	7	1	Guerra Naval Pacif.	Geral	-
Marinheiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mar	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Guerras	25	-	-	-	-	-	-	-	-	-



Esquadras	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Conflitos	124	1	UFV Prof.	SE	MP	3	-	-	-	-
Batalhas	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Totais</b>	190	10	10 PPG	8 SE 1 NE 1 S	6 M 3 D 1MP	-	7	-	-	5

**Fonte:** CAPES - *Catálogo de teses e dissertações*. Ano Base de 2016.

M/D – Mestrado e Doutorado

MP- Mestrado Profissional

Da análise do ano de 2016 temos os seguintes resultados:

- Foram obtidos 190 registros com as dez palavras-chave no catálogo. Dessas, dez monografias trataram de temas de História Marítima, sendo que sete foram de História Naval, cinco com temas sobre o Brasil e dois com temas de História Geral.
- Foram apresentados trabalhos em 10 PPG, sendo que três deles tiveram notas 6 e 7 na última avaliação de 2017. Desses programas seis foram dissertações acadêmicas, uma dissertação profissional e três teses de doutorado. Houve um predomínio maciço de trabalhos oriundos da Região Sudeste com sete trabalhos seguido de um do Nordeste e um do Sul, o que parece razoável tendo em vista tanto o maior número de PPG nessa região com a possibilidade de diversificação temática desses programas .
- Os temas apresentados em História Naval do Brasil contemplaram pesquisas de História Contemporânea envolvendo o Atlântico Sul e o Brasil, os aprendizes marinheiros no Império (MB), o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (AMRJ) no século XIX, marinheiros (MNs) no Rio Grande do Sul no período contemporâneo e estratégias navais comparadas no Atlântico Sul no período contemporâneo.
- O percentual de trabalhos de História Naval no período em relação ao total de monografias na área de História foi de 0,48 %, demonstrando claramente a baixa procura dos pós-graduandos com temas envolvendo esse subdomínio. Se formos incluir todos os trabalhos envolvendo a



História Marítima chega-se a 0,69% demonstrando a baixa prioridade para assuntos no campo da História envolvendo os mares e oceanos.

### Resultados para o ano base 2017

Foram obtidos os seguintes resultados para as dez buscas por palavras-chave escolhidas no ano de 2017.

**Quadro 2 - Teses e Dissertações Ano Base de 2017**

Palavra Chave	Total palavra Marítimo	Total Hist. Marítima	PPG	Região Geografica	M/D	Nota Área Hist	Total Hist. Naval	Tema Hist. Naval	Hist. Brasil ou Geral	Total Final Brasil
Marítimo	6	1	UFRN	NE	M	4	1	Atlântico Sul Hist. Contemp.	Brasil	1
Marítima	8	2	UFF UNIRIO UPF UFF	SE SE S SE	D M M M	7 4 4 7	2	RMB séc XX EAM Séc XIX	Geral	2
Marinha	10	5	UERJ UFRRJ FGV RJ	SE SE SE	M M M	5 5 5	3	1- Revolta Armada 2- Justiça \militar 3- EAM séc XIX	Brasil	3
Naval	5	1	FGV RJ UFBA	SE NE	M D	5 4	2	1-Mulher na MB 2-Uboats no Brasil	Geral	2
Marinheiro	2	-	UFRGS	S	M	6	1	EAMSC séc XIX	-	1
Mar	7	-	USP Soc	SE	D	6	1	MNs contra a ditadura	-	1
Guerras	135	-	UFPEL	S	M	4	1	Armada Imperial	-	1
Esquadras	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Conflitos	104	1	UFMG	SE	D	7	-	-	-	-
Batalhas	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Totais</b>	297	18	14 PPG	12 SE 3 NE 3 S	11M 7 D	-	12	-	-	11

Fonte: CAPES - *Catálogo de teses e dissertações*. Ano Base de 2017.



Da análise do ano de 2017 temos os seguintes resultados:

- Foram obtidos 297 registros com as dez palavras-chave no catálogo. Dessas, 18 monografias trataram de temas de História Marítima, sendo que 12 foram de História Naval, 11 com temas sobre o Brasil e uma com tema de História Geral.
- Foram apresentados trabalhos em 14 PPG, sendo que quatro deles tiveram notas 6 e 7 na última avaliação de 2017. Desses, 11 foram dissertações acadêmicas, e sete teses de doutorado. Houve um predomínio maciço de trabalhos oriundos da Região Sudeste com 12 trabalhos, três do Nordeste e dois do Sul, mantendo-se a tendência do ano anterior.
- Os temas apresentados em História Naval do Brasil contemplaram pesquisas em História Contemporânea envolvendo a Guerra Cisplatina e o mar, A Revista Marítima Brasileira no século XX, as Escolas de Aprendizes Marinheiros no século XIX, a Revolta da Armada, a Justiça Militar, a mulher na Marinha, os marinheiros na ditadura, a Armada Imperial e os U Boats na costa do Brasil.
- O percentual de trabalhos de História Naval no período em relação ao total de monografias na área de história foi de 0,90%, demonstrando a baixa procura dos pós-graduandos com temas envolvendo esse subdomínio, no entanto melhor que o ano precedente de 2016. Se formos incluir todos os trabalhos envolvendo a História Marítima chega-se a 1,36% demonstrando uma melhora considerável nesse ano em relação ao anterior, no entanto ainda continua um domínio a ser desenvolvido no campo da História envolvendo os mares e oceanos.

### **Resultados para o ano base de 2018**

Foram obtidos os seguintes resultados para as dez buscas por palavras-chave escolhidas no ano de 2018.



**Quadro 3 - Teses e Dissertações Ano Base de 2018**

Palavra Chave	Total palavra Marítimo	Total Hist. Marítima	PPG	Região Geografica	M/D	Nota Área Hist	Total Hist. Naval	Tema Hist. Naval	Hist. Brasil ou Geral	Total Final Brasil
Marítimo	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Marítima	9	7	UERJ UFU UFMG PUC RS UNB UFPE UFG	SE SE SE S CO NE CO	D M M D M M D	5 3 7 5 4 4 5	4	1- Tenentes na MB 2- Titanic 3-Caravelas Portugal 4-Comércio Marítimo	Brasil e Geral	2
Marinha	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Naval	5	4	USP Soc UFAP UFPR UFPA	SE N S N	M MP D M	6 SN 5 5	3	1-Padre Fernando Oliveira 2-Arsenal Pará 3- Índios PA sec. XVIII	Brasil e Geral	2
Marinheiro	1	1	UFRGS	S	M	6	1	MNs negros sec. 18	Geral	1
Mar	2	2	FGV Rio UFRGS	SE S	M M	5 6	1	Rio da Prata Sacramento	Geral	1
Guerras	155	7	UPF PUC RS UFPR UPF UFRRJ UEL UFRN	S S S S SE S NE	M M D D M M M	4 5 5 4 5 3 4	3	1-Humaitá G. Paraguai 2-Aprend. MNs PA 3- Cruzador J.Bonifácio MB	Brasil	3
Esquadras	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Conflitos	122	2	UERJ UFPE	SE NE	M D	5 4	1	Amazônia Ocidental Sec. 19	Brasil	1
Batalhas	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Totais</b>	<b>323</b>	<b>23</b>	<b>17 PPG</b>	<b>9 S 7 SE 3 NE 2 N 2 CO</b>	<b>15M 7D 1MP</b>	<b>-</b>	<b>13</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>10</b>

Fonte: CAPES - Catálogo de teses e dissertações. Ano Base de 2018.

Francisco Eduardo Alves de Almeida  
A História Naval nos programas de  
pós-graduação no Brasil (2016 – 2018)



Da análise do ano de 2018 temos os seguintes resultados:

- Foram obtidos 323 registros com as dez palavras-chave no catálogo. Dessas, 23 monografias trataram de temas de História Marítima, sendo que 13 foram de História Naval, 10 com temas sobre o Brasil e três com temas de História Geral.
- Foram apresentados trabalhos em 17 PPG, sendo que quatro deles vieram de programas com notas 6 e 7 na última avaliação de 2017. Desses, 15 foram dissertações acadêmicas, uma dissertação de PPG profissional e sete teses de doutorado. Pela primeira vez houve um predomínio de trabalhos oriundos da Região Sul com nove trabalhos, sete do Sudeste, três do Nordeste, dois do Norte e dois do Centro-Oeste. A razão parece ser de professores interessados em temas marítimos na PUC/RS, UFPR, UPF e UFRGS.
- Os temas apresentados em História Naval do Brasil contemplaram pesquisas em História Contemporânea envolvendo o tenentismo na Marinha, Comércio marítimo no NE, o Arsenal do Pará, Humaitá na Guerra do Paraguai, Aprendizes Marinheiros no Pará, o Cruzador *José Bonifácio* e a Amazônia Ocidental no século XIX. Em História Moderna foram contemplados trabalhos abordando Os índios no Pará no século XVIII, marinheiros negros nesse mesmo século e a colônia de Sacramento no Rio da Prata.
- O percentual de trabalhos de História Naval no período em relação ao total de monografias na área de História foi de 0,92%, demonstrando a continuidade da baixa procura dos pós-graduandos com temas envolvendo esse subdomínio, no entanto melhor que o do ano precedente de 2017. Percebe-se uma ligeira melhoria desde 2016 quando foi atingido o percentual de 0,48% e de 0,90% para o ano seguinte. Houve um aumento de quase duas vezes o valor de 2016. Se formos incluir todos os trabalhos envolvendo a História Marítima chega-se a 1,63% demonstrando uma melhora nesse ano em relação a 2017, quando se atingiu o percentual de 1,36% e de 0,69% em 2016, no entanto ainda continua um domínio a ser desenvolvido no campo da História.



## **Análise dos Resultados**

No Brasil percebemos uma baixa produção acadêmica de teses e dissertações de História Naval. Considerando o total nos anos de 2016 a 2018 foram defendidas 4177 teses e dissertações, com 51 delas em História Marítima e 32 em História Naval, significando os percentuais de 1,2% para o primeiro caso e 0.7% para o segundo caso, um percentual realmente baixo. No total desses três anos pesquisou-se 810 registros com as dez palavras-chave escolhidas, chegando-se a 6,2% de trabalhos de História Marítima e na relação com a História Naval o percentual de 3.9%. No que tange a proporção de teses e dissertações de História Naval em relação à História Marítima chega-se a 62%, um percentual bem razoável, considerando a própria abrangência da História Marítima.

Dos 32 trabalhos de História Naval, cerca de seis referem-se à História Naval Central, duas à História Naval Auxiliar e 24 à História Naval Cognata, indicando que o último tipo de História é o mais pesquisado no Brasil, denotando com isso que o tema naval é apenas marginal e que os historiadores que defenderam seus trabalhos nesse período não eram necessariamente historiadores navais, mas fundamentalmente historiadores que pesquisam assuntos nos campos da História Social ou História Política, com ênfase nos Estudos Estratégicos. Há efetivamente poucos trabalhos no Brasil no campo da História Naval Auxiliar com apenas dois trabalhos em três anos, envolvendo questões de Ciência, Tecnologia ou mesmo biografias de personagens navais. Somente seis monografias em três anos foram voltadas para o uso da força no mar, típicas da História Militar, indicando um desinteresse dos alunos de pós-graduação em História por assuntos relacionados ao uso militar do poder naval. Para um país que tem ambições de se tornar uma potência global no qual seus interesses serão certamente contrariados, essa indicação não é nada alvissareira.

Quais seriam as razões para o baixo interesse na área acadêmica com a História Naval? Inicialmente os poucos especialistas nesse tipo de História no meio universitário brasileiro. Campos mais promissores como a História Social, a História Cultural e mesmo a própria Nova História Política são os preferidos, além disso não existem disciplinas específicas nos cursos de Graduação voltadas para o campo militar tampouco para o naval, sendo o campo militar, para muitos historiadores, um “campo menor” em História. Com isso há um desconhecimento total desse subdomínio nos estudos históricos acadêmicos no Brasil. Um segundo motivo, também relevante, é a emergência da chamada Escola dos Annales que teve e ainda tem grande aceitação no meio acadêmico



nacional. Essa forma de “perceber” a História motivou críticas severas à chamada História Política enaltecida de heróis e promoveu o que Peter Burke chamou de “uma guerra de guerrilha contra a história tradicional, a História Política e a História dos Eventos” (BURKE, 1997, p.12). Por razões naturais a História Militar, inserida na História Política, cujo campo abarcava a História Naval foi levada nesse roldão inovador ao esquecimento e abandono. Com a emergência da chamada Nova História Política presume-se que possa haver um novo campo para a História Naval no Brasil. Um terceiro motivo para a baixa produção de História Naval é a crença de que a História Militar e por conseguinte a História Naval sejam campos relegados a militares profissionais e assim pouco atraentes ao estudante e ao pesquisador pós-graduado. Essa crença pode ser refutada pela existência, em centros mais desenvolvidos, de grandes e prolíficos pesquisadores nos campos apontados serem em sua maioria civis docentes provindos de universidades com projeção nacional e internacional. Ao contrário do que se pensa, os profissionais militares não são os que produzem pesquisas de qualidade no campo da História Naval, conforme inclusive apontado neste estudo, porém essa crença ainda floresce no Brasil. Por fim, um quarto motivo da falta de interesse da área acadêmica é a associação da História Naval com a História Militar no Brasil e o seu caráter “militarista”. Por razões políticas internas esse “militarismo” ficou associado à ditadura militar entre 1964 e 1985, afastando cada vez mais os alunos de pós-graduação da História Militar e por extensão da História Naval. O autoritarismo do período militar afastou e ainda afasta o interesse dos pesquisadores pela História Naval. Por certo a associação da História Militar Naval com o emprego da força e da violência em atendimento dos interesses nacionais, tem despertado nos pesquisadores uma aversão a tudo o que se relaciona direta ou indiretamente ao militarismo, a qual a violência está associada, daí a natural aversão com esse tipo de se fazer História.

Esses são os quatro motivos que tem relegado a História Naval ao esquecimento na área acadêmico-universitária no Brasil.

### **Considerações Finais**

A História Naval é um subdomínio da História Marítima voltado para a guerra no mar, isto é, aos aspectos militares envolvendo o uso do mar, daí a sua conexão mais direta com a História Militar. Pode-se, dessa maneira, definir



História Naval como o subdomínio que envolve o estudo e a análise das formas com que os estados têm organizado e empregado a força no mar para atingir os seus objetivos nacionais. A História Naval aborda assim aspectos de como as decisões são alcançadas e cumpridas para se atingir os propósitos estabelecidos pelo alto nível governamental estatal. Sua conexão como o subdomínio da História Marítima é evidente ao se relacionar com os mares e oceanos e também com a História Militar por envolver a guerra e os conflitos em relação direta com os poderes navais.

Ela pode ser dividida em três campos distintos, o da História Naval Central que se relaciona com o uso do poder naval em conflitos e nas operações navais com correspondência com a História Militar clássica; na História Naval Auxiliar ao abordar aspectos da Ciência, Tecnologia e Inovação e biografias e, por fim, na História Naval Cognata, ao pesquisar assuntos ligados ao campo marítimo, correlacionados ao poder naval, não necessariamente focados no conflito, na guerra e na sua preparação, utilizando para isso instrumentos teóricos de outros campos da História.

Pôde-se perceber uma ligeira melhoria que, embora não muito acentuada, vem indicando uma maior produção acadêmica na História Naval assim como na História Marítima nos últimos anos. Passou-se de 0,48% em 2016, para 0,90% para 2017 e 0,92% para 2018, quando se compara os dados referentes à História Naval, e de 0,69% em 2016, para 1,36% em 2017 e 1,63% para o caso da História Marítima. Pode-se imputar essa ligeira melhora a alguns fatores. O primeiro deles é o incentivo das próprias Forças Armadas em qualificar melhor seus quadros, incentivando seus membros a participarem de programas de pós-graduação no campo da História. Em segundo lugar um aumento ligeiro, mas consistente, de professores especializados em História Naval, em especial da Região Sul, que vêm incentivando muitos discentes a iniciarem suas pesquisas, em especial na História Naval Cognata com grande inserção nas História Social e Cultural, afastando-se do tradicional confronto militar de forças no mar, mais afeto à História Naval Central. Por fim a disseminação das possibilidades de pesquisa do Arquivo da Marinha no meio acadêmico e a oportunidade de estágios para alunos de História na Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Por serem arquivos públicos bem organizados e dirigidos, conduzidos por profissionais dedicados, os consulentes percebem a vastidão dos campos ainda a serem explorados na História Naval e por um processo de transmissão oral conseguem atrair novos pesquisadores para a área.



O mar tem grande importância para o Brasil. Cerca de mais de 90% de nosso comércio nacional e internacional trafega pelos mares. Em dois conflitos mundiais, o Brasil foi envolvido pelo ataque ostensivo contra as suas linhas de comunicação. Com isso é fundamental que seja incentivado nos cursos de graduação e pós-graduação de História no Brasil a pesquisa em assuntos ligados ao mar e aos oceanos por que sem se conhecer como o mar foi importante para o Brasil, não teremos condições de desenvolver políticas adequadas para o desenvolvimento nacional, afinal a História serve para compreender o que fomos, o que somos e o que queremos ser no futuro.

### Referências

- BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- BEELEER, John. The State of naval history. *Historically Speaking*, Baltimore, v. 11, n. 4, p. 12-14, sep. 2010.
- BLACK, Jeremy. *Naval power: a naval history of warfare and the sea from 1500*. Houndmills: Palgrave MacMillan, 2009.
- BUELL, Thomas. *Master of sea power: a biography of fleet admiral Ernest King*. Annapolis: USNI, 1980.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: UNESP, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2012.
- CAPES - COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. *Catálogo de teses e dissertações*. Brasília: CAPES, 2017a. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br>. Acesso em: 13 out. 2019.
- CAPES - COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. *Relatório de avaliação de história do quadriênio 2014 a 2017*. Brasília: CAPES 2017b. Disponível em: [www.capes.gov.br/imagens/documentos/relatorios\\_quadrienal\\_2017/historia](http://www.capes.gov.br/imagens/documentos/relatorios_quadrienal_2017/historia). Acesso em: 9 out. 2019.
- CORBETT, Julian Stafford; EDWARDS, Henry John. *Naval and military essays: papers read in the naval and military section at the international congress for*



historical studies. Cambridge: Cambridge University Press, 1914.

GAMA, Arthur Oscar Saldanha da. *A Marinha do Brasil na segunda guerra mundial*. Rio de Janeiro: Capemi, 1982.

HATTENDORF, John B. *The uses of maritime history in and for the Navy*. Newport: Naval War College Press, 2003.

\_\_\_\_\_. The State of american naval history in 2010. *Historically Speaking*, Baltimore, v. 11, n. 4, p.16-18, sep. 2010.

HERÓDOTOS. *História*. Brasília: Editora UnB, 1985. Livro 8.

KNIGHTON, C. S.; LOADES, David. *Elizabethan naval administration*. Surrey: Ashgate Publishing Co & Naval Records Society, 2013.

LAMBERT, Andrew. Naval history: division or dialogue?. *Historically Speaking*, Baltimore, v. 11, n. 4, p. 9-11, sep. 2010.

\_\_\_\_\_. *Nelson. Britannia's god of war*. London: Faber & Faber, 2004.

\_\_\_\_\_. *Sea Power States. Maritime Culture, Continental Empires and the conflict that made the Modern World*. New Haven: Yale University Press, 2018.

LEWIS, Michael. *A social history of the navy 1793-1815*. London: Chatham, 1960.

LONGRIDGE, C. Nepean. *The anatomy of Nelson's Ships*. Kent: Model and Allied Publications, 1977.

MODELSKI, George; THOMPSON, William. *Seapower in global politics 1494-1993*. London: MacMillan, 1988.

MORAES, J. B. Mascarenhas de. *A FEB pelo seu comandante*. 2.ed. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Cordeiro de Farias, 1960.

RICHMOND, Herbert. The importance of the study of naval history. *Naval Review*, London, v. 27, p. 201-218, mayo 1939.

SILVA, Theotônio Meirelles. *Historia naval brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.

SUMIDA, Jon; ROSENBERG, David Alan. Machines, men, manufacturing and money: the study of navies as complex organizations and the transformation of the 20th Century Naval History. In: HATTENDORF, John. *Doing naval history*:



essays toward improvement. Newport: Naval War College Press, 1995. p. 25-29.

WARE, Chris. *Admiral byng: his rise and execution*. Yorkshire: Pen & Sword, 2009.

## Notas

<sup>1</sup>Graduado, mestre e doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com pós-doutorado pela Universidade de Lisboa. Professor da Escola de Guerra Naval, Marinha do Brasil.

<sup>2</sup>Professor de História Marítima da Escola de Guerra Naval dos EUA.

<sup>3</sup>Sociedade britânica responsável pelo arquivamento e guarda de documentação primária da Marinha Real, fundada ao final do século XIX.

<sup>4</sup>Correspondente a Associação Nacional de História (ANPUH) no Brasil

<sup>5</sup>Professor de História Naval e Estratégia da Universidade de Maryland nos EUA.

<sup>6</sup>Historiador e cientista político da Universidade de Paris, falecido em 2007 e autor do clássico “Por uma história política”.

<sup>7</sup>Professor de História da Universidade da Califórnia em Irvine.

<sup>8</sup>Historiador da Marinha Real britânica.

<sup>9</sup>Professor de História da Universidade de Exeter.

<sup>10</sup>Jornalista especializado em assuntos navais. Embora não seja um acadêmico, Padfield se destacou pela coerência, discernimento e forte pesquisa documental em seus livros.

<sup>11</sup>Professor de História da Universidade de Harvard e almirante da Reserva da Marinha dos EUA. Detentor de dois Prêmios Pulitzer. Falecido em 1976.

<sup>12</sup>Almirante da Marinha dos EUA.

<sup>13</sup>Professor da Universidade de Cambridge.

<sup>14</sup>Professor Emérito de História da Universidade de Wales no Reino Unido. Falecido em 2016.

<sup>15</sup>Modelista britânico de renome falecido em 1952.

<sup>16</sup>Professor de História na Universidade de Greenwich.

<sup>17</sup>Professor e analista do Hudson Institute nos EUA.

<sup>18</sup>Oficial da Marinha dos EUA e especialista em História Naval.

<sup>19</sup>Professor de História Naval do Royal Naval College em Greenwich. Falecido em 1970.

<sup>20</sup>Professor de História Naval no Royal Military College do Canadá. Falecido em 2013.

<sup>21</sup>George Modelski foi professor de Ciência Política da Universidade de Washington, falecido em 2014 e William Thompson é professor emérito de Ciência Política da Universidade de Indiana